

Para ver o índio na totalidade

B

Museu do Índio abre sua maior exposição com a participação de diversas tribos

GILBERTO DE ABREU

Não se assuste se no próximo dia 16 você esbarrar com 40 índios da tribo Krahô, do Tocantins, correndo pelas ruas de Botafogo com rústicos troncos de árvore nas costas. A inusitada corrida faz parte da programação que o Museu do Índio estará apresentando ao público neste mês de abril, não apenas em função do Dia do Índio, no dia 19, como também em lembrança dos 500 anos do descobrimento do Brasil. A tal corrida do tronco é apenas um dos muitos atrativos do cardápio cultural, cujo prato principal é a belíssima exposição *Corpo e alma indígena*, que abre ao público depois de amanhã, às 19h, com a presença de vários representantes indígenas.

A mostra, que reúne peças de cerca de 200 tribos indígenas, pretende mostrar de que maneira cada tribo elabora a sua noção de corpo. Os organizadores da exposição esperam que mais de 60 mil pessoas visitem o Museu do Índio até setembro, quando a mostra sairá de cartaz.

Uma das peças mais impactantes da exposição *Corpo e alma indígena* é o Troféu de guerra Tsantsa, dos índios Jivaro, aborígenes do Peru e do Equador. Tsantsa significa cabeça reduzida, o que justifica o tamanho do troféu, confeccionado com a cabeça de um índio inimigo morto em combate. Depois de decapitado, o inimigo tem sua cabeça reduzida através de um ritual que dura sete dias e que consiste ainda em costurar todos os orifícios através do qual poderiam sair o espírito de vingança do morto.

O diretor do Museu do Índio, o antropólogo com especialização em lingüística pela UFRJ José Carlos Levinho, diz que esta é a maior exposição que a instituição já promoveu. Todas as salas do prédio situado à Rua das Palmeiras 55, em Botafogo, serão ocupa-



Boneca dos Tukuna (Amazonas) e o troféu de guerra Tsantsa, dos índios Jivaro, do Peru



Fotos de divulgação

das pelos diversos módulos da mostra, que abrange desde o nascimento do índio até sua morte, passando por fases como puberdade, casamento e combate.

“Queremos evidenciar a noção de corpo dentro da cultura indígena mostrando todas as interferências que nele se exercem, tais como adornos, nomes, perfurações, pinturas”, diz Levinho. “Nas diversas tribos indígenas, o ser nasce, cresce e morre de uma forma muito bonita e colorida. Procuramos captar os valores étnicos e estético de cada uma delas.”

Corpo e alma indígena guarda

algumas características interativas em seus módulos. Além da possibilidade de ouvir, em fones de ouvido, músicas e falas indígenas na sala dedicada à infância, os visitantes poderão manusear móveis de brinquedos infantis e experimentar algumas máscaras e adornos. Tudo isso com o acompanhamento de monitores. “Para o público, é um serviço cultural. Para as tribos indígenas, a possibilidade de remontar a história esquecida”, define Levinho.

O Museu do Índio, que segundo seu diretor gasta em média R\$ 25 mil por mês só de manutenção, funciona hoje como um cartório geral para todas as tribos brasileiras. “Grande parte da história deles está contida aqui”, garante Levinho. “É cada vez mais comum recebê-los e ajudá-los a recuperar rituais perdidos. Quando estes índios voltam para suas tribos, têm a possibilidade de recomeçar uma história e recontá-la para os mais jovens”, conta o diretor.

Urissapa Tabata Kuikuru, da tribo dos Kuikuru, considera bom o papel do Museu do Índio em difundir a cultura indígena. “O homem branco não entende como são os índios e essa exposição ajuda a mostrar nossas tradições e hábitos”, disse o índio.

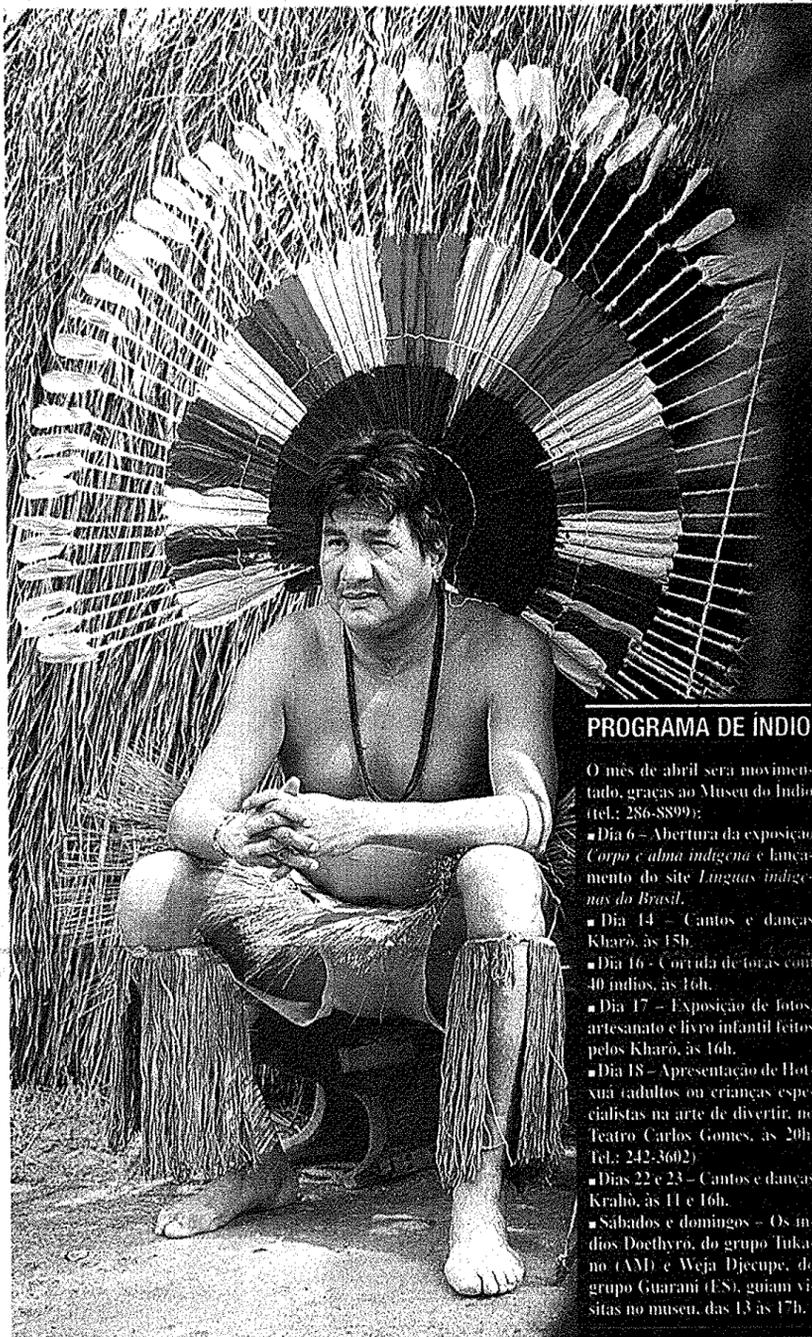
Para o professor e antropólogo Marco Antônio Gonçalves, do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, isto se dá em função de uma deficiência educacional. “Quando se fala de índio, ele é sempre colocado no passado, como se ele não participasse mais do desenvolvimento do Brasil.”

Para ajudar a mudar esse quadro, Tabata diz que estará promovendo atividades infantis durante os finais de semana a fim de aproximar os brancos dos índios. “Uma das coisas que mais nos preocupam é o descaço do homem branco com a natureza, os rios, a fauna e com os índios”, disse.

Marco Antônio resalta que do ponto de vista étnico, o país é pluriétnico, e o papel do índio hoje é mostrar outras formas culturais. “Ao contrário dos índios, o branco ainda não aprendeu a conviver com as diferenças.”

representante indígena de passagem pela cidade.

Estima-se que existam cerca de 170 línguas, mas apenas 50 são estudadas. A idéia do *Dicionário de línguas indígenas*, iniciativa rara no Brasil, é dar início à documentação de três idiomas, provenientes das tribos Kuikuru (Parque do Xingu), Karajá (Ilha do Bananal) e Karitiana (Rondônia). “Pretendemos ampliar esse dicionário para um maior número de grupos indígenas e disponibilizá-lo na Internet em português e inglês”, avisa José Carlos Levinho.



Adryana Almeida

PROGRAMA DE ÍNDIO

O mês de abril será movimentado, graças ao Museu do Índio (tel.: 286-8899):

- Dia 6 – Abertura da exposição *Corpo e alma indígena* e lançamento do site *Línguas indígenas do Brasil*.
- Dia 14 – Cantos e danças Krahô, às 15h.
- Dia 16 – Corrida de troncos com 40 índios, às 16h.
- Dia 17 – Exposição de fotos, artesanato e livro infantil feitos pelos Krahô, às 16h.
- Dia 18 – Apresentação de Hot-sua (adultos) ou crianças especialistas na arte de divertir, no Teatro Carlos Gomes, às 20h. Tel.: 242-3602.
- Dias 22 e 23 – Cantos e danças Krahô, às 11 e 16h.
- Sábados e domingos – Os índios Doethyrô, do grupo Tukano (AM) e Weja Djecupe, do grupo Guaraní (ES), guiam visitas no museu, das 13 às 17h.

Ijeseberi Karajá, da tribo Karajá, na gravação para o site do dicionário indígena, no Museu do Índio

600 verbetes na internet

Na carona do vernissage da mostra *Corpo e alma indígena*, o Museu do Índio inaugura, também na quinta-feira, uma nova página em seu site (www.museudoindio.org.br). Trata-se do *Dicionário de línguas indígenas*, no qual estão reunidos mais de 200 verbetes de três idiomas indígenas. “Relacionamos as palavras mais recorrentes do vocabulário indí-

gena para que qualquer lingüista possa dar início ao estudo dos idiomas nativos”, diz o diretor do museu, José Carlos Levinho. O dicionário virtual, desenvolvido em parceria com o Museu Histórico da Quinta da Boa Vista, fornece ao pesquisador a grafia ortográfica, a grafia fonológica, o som e as informações adicionais da língua. Para dar ao projeto um vulto ainda maior, o Museu do Índio e o Museu Histórico da Quinta da Boa Vista firmaram um convênio que consiste em levar à instituição de Botafogo qualquer

Contribuição dos vídeos

Uma ferramenta tem ajudado, e muito, os povos indígenas a preservarem sua cultura: a câmera de vídeo. E um dos projetos mais interessantes nesse sentido é o *Vídeo em Aldeias*, que há 12 anos vem promovendo o encontro do índio com sua imagem.

Gerenciado por Vicente Carelli, o projeto paulista tem como proposta tornar o vídeo um documento de expressão da identidade

indígena, refletindo a visão do índio sobre si mesmo e o mundo. Para Carelli, ao equipar as comunidades indígenas com aparelhos de vídeo, o projeto estimulou não só a preservação da cultura indígena como também seu intercâmbio entre os diversos povos.

Um dos exemplos é *A festa da moça*, de 1997, disponível em português, inglês e espanhol, que retrata o encontro dos índios Nambiquara com a sua própria imagem durante um ritual de iniciação feminina. Os índios, que ao se verem na TV criticaram o excesso de roupa, realizaram

uma nova festa, com todo o rigor da tradição e, eufóricos com o resultado, resolverem retomar diante da câmera a furação de lábios e de nariz dos jovens, costume que haviam abandonado há mais de 20 anos.

Fruto de uma iniciativa isolada de duas produtoras cariocas – Plus Ultra e Imagenax –, o vídeo *Karajás*, de 1999, documenta os festejos do Aruanã, com depoimentos e cenas do dia-a-dia da tribo Karajás, na Ilha do Bananal do Aruanã. “É, antes de mais nada, um ato de resistência e autopreservação: indígena”, definem os produtores.